

8.01.99 – Linguística

DISCURSO RELIGIOSO OU CIENTÍFICO?

DOIS CASOS COMPARADOS: EM AMÉRICO VESPÚCIO (SÉC. XVI) E EM WILBUR WRIGHT (SÉC. XX).

Sady Carlos de Souza Júnior.

Mestrado em Semiótica pela Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

Resumo.

Nos primórdios das navegações aéreas e suas primeiras experimentações encontramos materiais que nos referenciam às antigas navegações marítimas. E ainda mais profundamente encontramos situações discursivas e de comportamento que refletem também um caráter lógico do agir. Wilbur Wright e Américo Vespúcio são comparados por suas ações nesta pesquisa onde lhes exploramos o valor da demonstração pelo qual ficaram reconhecidos na história em paralelo as conquistas de Dumont e Colombo, seus antípodas.

Neste sentido constatamos semelhanças discursivas entre os Irmãos Wright (Wilbur) e Américo Vespúcio em uma análise do discurso de abordagem fática que ratifica as vias pelas quais surgiria o fenômeno histórico ou mesmo a validação epistemológica onde encontraríamos o exemplo de discurso que acolhe nosso retorno às essas primazias.

Portanto, o nosso objetivo específico seria aproveitar os dois exemplos comparativos que nos chegam da história, para entre nós, semioticistas, elucidar como apreendemos o discurso religioso ou científico diante dos fatos narrados? O que melhor se enquadraria como “discurso científico” através da aplicação da análise semiótica greimasiana?

Palavras-chave: Semiótica; descobertas; invenções.

Introdução.

Trata-se de uma análise comparativa do discurso histórico, seus graus de semelhanças, com o objetivo de identificar elementos de sincronicidade e variáveis da objetividade histórica. Também, averiguar a forma de justificação discursiva a fim de apreendermos sobre o peso que têm o discurso dos fatos na história em correspondência com a lógica em sua estrutura profunda.

No início da história da navegação aérea do séc. XX, a análise do discurso de Wilbur Wright, o primeiro homem a voar em voo motorizado - segundo os americanos, apresenta o entendimento da não necessidade primaz de demonstração, entretanto deixam para o viés ideológico que se encarregue de definir mais tarde esta primazia. Igualmente, voltando mais atrás ao passado – no séc. XVI, comparamos esta atitude ao florentino Américo Vespúcio, que no discurso apresentado, de retorno de suas viagens ao Novo Mundo, admite não trazer espécimes que ratifiquem suas viagens transoceânicas, mas deixaria a cargo do futuro decidir a relevância de suas viagens. Pela porta que abriu, de certo modo, Vespúcio assistiu a importância de ver seu nome associado ao continente descoberto por Cristóvão Colombo. Assim também veremos depois os Wright em relação ao avião brasileiro.

Metodologia.

A modalidade semiótica do discurso científico se manifesta apresentando dados/proposições que enunciam um saber decorrente da *metodologia indutiva* dos ditames epistemológicos, ou seja, apresentamos duas situações (experienciais particulares) do discurso que extrapolamos para uma conclusão aproximada generalizante.

Uma análise linguística abrangente distingue alguns discursos, entre outros, pela análise que se nos apresenta o estudo sociosemiótico da Cultura. A dois deles faremos aqui referência - o científico e o religioso. Eles se contrapõem em duas modalidades segundo A. Greimas, ao qual investimos esta dicotomia positiva:

- 1) Discurso religioso → “poder fazer crer” → Crer (sedução) → Ausência de demonstração;
- 2) Discurso científico → “poder fazer saber” → Ver (percepção) → Presença da demonstração.

O caráter do discurso religioso se manifestaria através da “não demonstração” e da crença - além do sensorial perceptivo, prescindindo da sedução enquanto “crer” e “confiar”.

Ao final, as comparações em foco dos discursos/comportamentos apresentados se firmarão com a justificativa da não urgência da demonstração, pretendendo que mais tarde a verdade se estabeleça – e mesmo não sendo os primeiros já estarão entre eles. Neste ponto é que compreenderemos o caso de Vespúcio e dos irmãos Wright, e as suas repercussões favoráveis, quais sejam, a da concessão do nome ao continente, e do pioneirismo da invenção do avião, respectivamente, em detrimento aos antípodas, Cristóvão Colombo e Santos Dumont.

Resultados e Discussão.

A Carta da segunda viagem de Américo Vespúcio apresenta toda uma descrição da viagem, pelo que passou ele, porém encerra se referindo aos nativos com esta citação:

“Os homens do país dizem sobre o ouro e outros metais, ou drogarias e muitos milagres, mas eu sou daqueles de São Tomás, que creem que lentamente o tempo fará tudo”.

Por que de tal afirmativa? Muito se exaltou das grandezas das descobertas do Novo Mundo, o que os próprios nativos disseram possuir, e todo um potencial de virtuais riquezas a se desbravar, porém a verdade é que Vespúcio retorna de mãos vazias, nada trouxera senão descrições ou falas.

Na “estrutura de superfície” deste enunciado-foco se deduz a decepção do florentino que tendo viajado por longo tempo reconhecendo terras longínquas, nada trouxera. Por quê? Vespúcio se justifica que não é isso que vale, não são o ouro, ou as riquezas materiais, mas são as notícias do desconhecido. Não é o palpável que vale, mas o conhecimento das potencialidades ou das notícias que ele está trazendo.

No excerto “creem que lentamente o tempo fará tudo” o autor justifica que não terá necessidade de demonstrar sua fala, mas deixa a cargo da “fé”, que o tempo se encarregue de verificar, ou seja, Vespúcio, antes que lhe peçam, acha desnecessário convencer quem dele discorda.

Vespúcio, quando cita “muitos milagres” e “São Tomás”, envereda para o campo imaterial. Além de tudo, quando escreveu “Os homens do país dizem (...)”, depreende que há muitas outras maravilhas das terras ultramarinas além do que “conseguiu ver”. O São Tomás de Vespúcio é na verdade, entre nós o São Tomé – “aquele que só acredita vendo”. Ou seja, coube a São Tomé, segundo o Evangelho, o ensinamento maior que a Verdade em si não precisa ser vista, mas creditada. A Verdade essencial está no crer e não no ver ou provar. Este é o oportuno ensinamento cristão que Vespúcio aproveitaria naquele momento. Por outro lado, ao enfocarmos o conhecido aviador americano, Wilbur Wright, no séc. XX, destacaríamos a mesma lógica - não é o ver “insidioso”, ou uma demonstração real que fará alguma diferença, mas sim deixar à “posteriori” a dedução de qualquer prioridade no campo do mais-pesado-que-o-ar. Será que esta possível marca religiosa proviria de seu pai, o Bispo Milton Wright de Dayton?

Comparamos entre os atores do discurso histórico a semelhança de comportamento: eles, imbuídos de uma finalidade atualizam um mesmo discurso cada um a seu tempo. Os irmãos Wright explicariam, então, seus voos realizados às escondidas em Kitty Hawk/EUA, seu silêncio quanto às suas experiências aéreas, mais tarde. E de forma dissimulada, arguirão para si a anterioridade do voo paralelamente ao do aclamado Alberto Santos Dumont, vale dizer, subestimando a tradição da demonstração científica, e semeando indícios, para que, defensores ideológicos automatizem, a contento, essas primícias.

Conclusões.

Os Wrights deixaram à posteridade o julgamento a seu favor apesar disto entrever certa ilogicidade: a justificação da não demonstração da sua primazia só poderia ser feita à posteriori, e não daria a eles razão suficiente para reivindicações. Não poderiam ter-se justificado antes para algo que até 1906 ninguém cria possível - o voo mecânico. Só se responderia dessa maneira depois de outro já o haver realizado. A alegação dedutiva de alguma cobrança que daria crédito a um voo já realizado seria um argumento sem força lógica - como o aparente esforço de lucrar comercialmente cobrando sua demonstração – um milhão de francos, mas para tão caro pagamento, não houve quem comprasse, portanto também não houve demonstração e finalização do negócio antes de 1906. Depois de dois anos (quando os franceses já voavam em Paris) o valor cobrado pelos Wright (agora para “instrução”) caiu pela metade do preço inicial. Entramos aqui em outra modalidade discursiva – o discurso pedagógico...

De qualquer forma vimos que a modalidade do discurso religioso do “poder fazer crer” caberia mais fielmente aos exemplos dos actantes Américo Vespúcio e Wilbur Wright do que o discurso científico do “poder fazer saber”, que em Dumont, corroboraria melhor. Portanto a “estrutura profunda” do discurso científico na análise linguística coube melhor historicamente aos feitos dos actantes Santos Dumont e Cristóvão Colombo, cada um a seu tempo.

Referências bibliográficas.

- CANALI, João de - "Américo Vespúcio, Espião ou Navegador?", Livraria Antunes, Rio de Janeiro.
- GREIMAS & COURTÉS - "Dicionário de Semiótica", São Paulo, Editora Cultrix, 1979.
- NAPOLEÃO, Aluizio - "Santos Dumont e a Conquista do Ar", Coleção Aeronáutica, vol. 1, Ed. Itatiaia e Inst. Histórico Cultural da Aeronáutica, Belo Horizonte, 1988.
- PAIS, Cidmar Teodoro - "A Combinatória Semântica no Enunciado Simples", In: Ensaios Semióticos Linguísticos, Petrópolis, Editora Vozes Ltda. 1973.
- PAIS, Cidmar Teodoro - "Universos Semióticos e Universos Linguísticos: Relações Estruturais". In: Ensaios Semióticos Linguísticos, Petrópolis, Editora Vozes Ltda. 1973.
- SOUZA JR., Sady Carlos de – Para uma abordagem semiótico-linguística do discurso histórico, Tese de Mestrado, 1996
- VESPÚCIO, Américo - "Novo Mundo", Porto Alegre, L e PM Editores, 1987.

- BLANQUER, Antonio García - La Conquista Del Aire, Espanha em 1945.